

EM CASO DE NÃO UTILIZAÇÃO, DEVOLVA ESTA FOTOCÓPIA A DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO

Distribuição restrita aos

Classificação :

Gabinetes e Secretário-Geral

Distribuição :



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

Publicação Revista Flama Periodicidade _____

Dia 28.8.75 Pág.(s) _____ Tendência política _____

RESCALDO DAS JORNADAS DE PARIS

Revista Flama Nº 1412 28.8.1975

MARIA DE LURDES
PINTASSILGO:
A NECESSIDADE
"DE DENUNCIAR
O ESBOÇO DE TODA
E QUALQUER
NOVA LITURGIA"



Reportagem de
MARIA DO CARMO VASCONSELOS
(Correspondente da "Flama" em Paris)

PARIS, MARÇO-75 — A O. N. U. decidiu para 1975 o Ano Internacional da Mulher. Giscard d'Estaing encomendou a Françoise Giroud — secretária de Estado da Condição Feminina — as Jornadas Internacionais de Paris, para o que lhe emprestou o sumptuoso Palácio dos Congressos. Oportunidade para debates, troca de impressões e de experiências, as Jornadas de Paris reuniam 2000 mulheres com responsabilidades políticas, económicas, sociais e culturais, vindas de 53 países europeus e francófonos.

MAIS de trinta mulheres com cargos governamentais, ministras ou presidentes de assembleias legislativas, entre as quais se encontrava Maria de Lourdes Pintassilgo, ministro dos Assuntos Sociais de Portugal, cujas intervenções foram extremamente bem acolhidas pela força das suas ideias e pela clareza com que

A cada uma das 35 ministras estrangeiras tinha sido pedido que falasse do essencial do seu trajecto pessoal até às actuais funções, das dificuldades encontradas e das conclusões dessa experiência.

Construíram-se ainda cinco grupos de trabalho presididos por convidadas estrangeiras, sobre os seguintes temas: 1) Vida política sindical e profissional; 2) A mulher na vida económica; 3) Educação, cultura e desporto; 4) Família, "habitat" e natalidade, e 5) Informação. Trabalhos cujas conclusões, apresentadas no último dia, apareceram — por escassez de tempo de debate, pela extensão dos assuntos e também, talvez, pela diversidade de origens das participantes — como francamente vagas e pouco originais. Fazia também parte do programa a apresentação de um filme denunciando o papel de objecto dado às mulheres na publicidade. Não se pode dizer que a ideia seja muito original, mas é sempre bom lembrar! Até porque, à parte isto, pouco se tocou no problema das mentalidades, ou deformações mentais, o que é lamentável.

"ONDE SE LIBERTA A IMAGINAÇÃO PARA INVENTAR O DESEJÁVEL"

No último dia as palavras de Roger-Gerard Schwartzberg, (1) apesar de caírem um

Um aspecto da saída do Palácio dos Congressos onde decorreram as Jornadas Internacionais de Paris, que reuniram 2000 mulheres com responsabilidades políticas, económicas, sociais e culturais, vindas de 53 países europeus e francófonos. Em primeiro plano, Françoise Giroud, secretária de Estado da Condição Feminina. À DIREITA — Maria de Lourdes Pintassilgo: "A revolução feminina, chamemo-lhe assim, vejo-a independente da revolução da sociedade como um todo. Olhando para a história, e nisso, os países de Leste, aqui, foram muito comedidos na forma como se exprimiram porque não disseram que estava tudo perfeito em função do socialismo."

pouco na idealização e no feminismo (que não era o que mais atabafava a maioria das mulheres presentes) trouxeram um sopro de abertura e de oxigénio ao "cinzentinho" geral. Isto: o encontro internacional de mulheres que mais parecia uma reunião de senhoras. (Em que até a Giselle Halimi, representante do movimento Choisir, que não é propriamente uma extremista, foi vaiada.)

Um arzinho fresco de Maio 68 revisto e melhorado safa das ideias de Schwartzberg e de Maria de Lourdes Pintassilgo, infelizmente raros no ambiente geral. Um como o outro puseram o problema da sociedade em que vivemos em busca de outros modelos, e a necessidade de opor aos valores gastos e contestados de competição, tensão e lucro, outros, mais humanos e mais vivos, fazendo notar que o papel da mulher nessa transformação podia ser essencial, se em vez de jogar o jogo o mudasse impondo novas regras, novas visões. Para isso será necessário que a mulher na política passe do singular ao plural; que a mulher possa, também na política, ser diferente: opondo a política do vivido à política do discurso sem cair, como o homem caiu, na evasão dos mitos e rituais. Maria de Lourdes Pintassilgo foi mais longe, marcando a necessidade de "denunciar o esboço de toda e qualquer nova liturgia". A necessidade de fazer prevalecer a sociedade sobre o Estado, a neces-

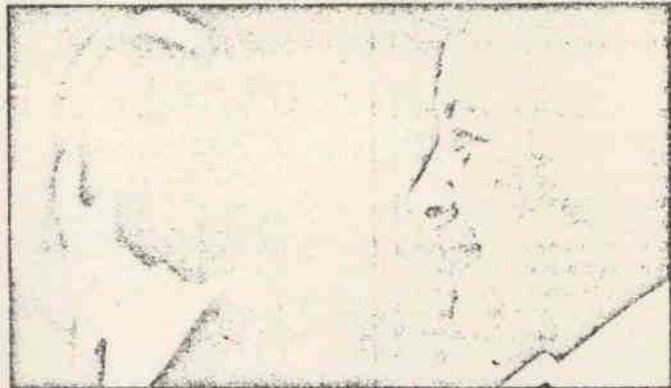
sidade de compreender o poder como "o lugar onde se criam novos modelos de existir em sociedade, onde se liberta a imaginação para inventar o desejável, onde, com o real, o possível e o quotidiano, se faz a política."

RECUPERAR É INSTITUCIONALIZAR A MARGEM

A acção de Françoise Giroud como secretária de Estado da Condição Feminina é difícil de definir; os seus poderes aparecem como extremamente limitados e o seu papel como difícil e ambíguo. Se como jornalista se fez ouvir muita vez por falar alto e claro, como ministra está muito longe de se impor (ou de querer impor-se) à força de jantares comemorativos no Eliseu como o que se seguiu a estas Jornadas. A exploração de que as mulheres são objecto é subtil e ultrapassa muitas vezes o domínio do Direito. O trabalho a fazer-se é enorme: mudar mentalidades, ajustar, anular ou transformar o sentido subtilmente deformado de milhares de sinais, de tiques que desde o berço reduzem a mulher, a limitam, a lapidam, a moldam. A um reflexo. Dum modelo imposto. O trabalho é enorme e tanto mais difícil que não se trata só de "convencer" os homens. Como disse Schwartzberg, "é preciso ultrapassar a política da instituição" e não me parece que tal tenha sido a intenção das organizadoras destas Jornadas. Reformar a imagem da mulher nos livros escolares é indispensável, denunciar o papel (ainda) da mulher na publicidade é importante. Mas não chega. não chega sobretudo se estas acções são temperadas de discursos governamentais apucarados e se a representante da Condição Feminina não se incomoda de ver escrito no programa francês do Ano Internacional da Mulher frases como "O Ano Internacional da Mulher deve fornecer ao Governo a ocasião de marcar por gestos concretos a sua preocupação em acelerar o processo de igualdade..." ou "chamando quatro mulheres para o Governo, o presidente da República manifestou com brilho a importância que ele dá à integração das francesas no esforço colectivo". Promoção da mulher ou operação de prestígio de Giscard d'Estaing? (No entanto, uma das conclusões dos grupos de trabalho das Jornadas era que tinha de se conseguir que o trabalho da mulher deixasse de ser considerado como regulador da economia e da política...)

Passa o extremismo mas a moderação (também) tem os seus perigos! Sem querer falar de recuperação, não me posso impedir de sentir a que ponto é fácil institucionalizar o que é marginal, isto é virar o bico ao prego! Há uns dias, numa entrevista sobre o Ano Internacional da Mulher, Giscard tinha dito, com todo o despudor que o lugar e o sucesso lhe permitem: "Acho que na sociedade francesa a capacidade de acção e a capacidade intelectual das mulheres constituía uma fonte considerável muito pouco utilizada pela colectividade." Pouco utilizada ainda! Mas vai-se dar um jeito! Pergunta-se quem é a colec-

RESCALDO DAS JORNADAS DE PARIS



MARIA DE LURDES PINTASSILGO: "SE CONSEGUISSE ABSTRAIR-ME DO FACTO DE QUE 60 POR CENTO DAS TRABALHADORAS EM PORTUGAL FORAM ATINGIDAS PELO SALÁRIO MÍNIMO DE 3.300\$00... DIRIA QUE HOUE UM CLIMA ENTRE MULHERES FORMIDÁVEL"

tividade de que ele fala. Pergunta-se o que são estas secretarias de Estado dos castigados e oprimidos: "da condição feminina", "da condição penitenciária", "dos trabalhadores emigrados", "A condição de" que resulte. E resulta. Pelo menos o discurso de Giscard e o seu apoio às Jornadas de Paris foram muito aplaudidos, à excepção das parlamentares comunistas, e das sindicalistas da C. G. T. e C. F. D. T. que recusaram o convite. Quanto ao M.L.F. ficou-se entre o sorriso e a indignação. A França de Giscard quer-se liberal, eficaz, produtiva, rendível, isto é, lucrativa. É pena que as Jornadas Internacionais da Mulher em Paris tenham aderido a tais "ideias".

Dentro do mesmo espírito de promoção da mulher, Jacqueline Baudrier, directora da Radio France (ex O. R. T. F.), tinha reunido há umas semanas algumas centenas (2) de mulheres "especiais" por terem sido as primeiras a ocupar lugares até aí reservados aos homens — a primeira general; a primeira provedora de vinhos, a primeira magistrada do Supremo Tribunal de Justiça, etc. Mas o sucesso individual não assusta ninguém. As excepções são até tranquilizantes. O que é que se podia imaginar de mais tranquilizante que todas aquelas aves

raras reunidas sob o tema "as mulheres à barra", que era o "slogan" da campanha eleitoral de Giscard d'Estaing ("Giscard à la barre")! Não é o feminismo que as atabafa. Nem a imaginação. Agradecidas, venerandas e muito contentes.

Françoise Giroud denunciando a publicidade parece não se aperceber do papel publicitário que ela própria representa neste tipo de regime. Alibi aqui, tortão de açúcar ali, três ou quatro mulheres no Governo. Tudo liberalismos. Afinal, que é que querem mais? Pedinchonas!

Dá a minha redobrada alegria em verificar que há outras maneiras de estar em sociedade, que há outras maneiras de estar "no poder", e em ter tido a oportunidade de falar delas com Maria de Lurdes Pintassilgo.

Pena que o pôr em questão duma sociedade prostituída — e desculpe-se o feminismo — essencialmente masculina, tenha tão pouco tocado aquelas cabeças loiras, tão preocupadas estavam com a promoção da mulher.... Pena que reinasse a quase total incapacidade de passar dos problemas de certas mulheres aos problemas da mulher; e que essa falha tenha sido tão mais nítida com a presença das mu-

lheres africanas e que o racismo tenha aparecido na sua forma mais elementar: a incapacidade de perceber a diferença como coisa enriquecedora, o que me parece deveria ser a base de toda a luta de mulheres. Sorrindo do subdesenvolvimento alheio evita-se encarar o próprio, o que neste caso tocava o grotesco dado que as mulheres negras vinham de países francófonos ensinados e amestrados pela (nossa) cultura francesa.

No entanto, a palavra liberta e tem-se falado muito nestes tempos. E se não saiu dali nada de muito novo e se não se adiantou grande coisa à condição feminina, algumas das intervenções levam a crer que, em três dias e em 2000 pessoas, alguns encontros tenham sido possíveis. E é bom saber que se, por um lado, não se passou nada, por outro lado nada está na mesma, e isto por via das evoluções subterrâneas e felizmente inelutáveis que em tudo ultrapassam as vontades humanistas dos grandes chefes brancos rostos-pálidos que o poder, como disse Maria de Lurdes Pintassilgo, cada vez menos estará concentrado no cimo da pirâmide da política.

Aí fica o resultado da nossa conversa.

Qual o primeiro interesse para si destas Jornadas de Paris do Ano Internacional da Mulher?

Há muitos anos que estou ligada a questões relativas à condição feminina, portanto este confronto de perspectivas não revestia um carácter novo, quer em termos de temática que em termos de encontro internacional. Em 69 tinha estado na Holanda num encontro com gente que tinha escrito sobre a condição feminina; em 72, na O. N. U., fazia parte da delegação portuguesa sobre questões humanitárias, sociais e culturais, quando se decidiu do Ano da Mulher. Todos os países fizeram questão de ter alguém que dissesse alguma coisa sobre o Ano Internacional e... não sei se por acaso. Portanto, o confronto internacional sobre este tema para mim tem sido frequente.

Aqui achei que o que tinha de original era a ideia dum encontro entre mulheres que estavam a exercer um certo tipo de funções — independentemente da linha tomada de posição relativamente à importância ou não importância desse facto, que aliás contestei na minha intervenção, porque me parece que é preciso desmistificar o poder "no topo" que não é o mais importante. Já tinha havido em Dezembro, na Bélgica, um primeiro encontro, a convite da ministra da Cultura Nederlandse da Bélgica; encontro entre mulheres europeias com responsabilidades no Governo, em que a França, apesar de ter três mulheres no Governo, primou pela ausência. Tinha acabado de regressar quando o embaixador de França me perguntou se tinha alguma objecção em participar nas Jornadas de Paris. A pequena nota de originalidade aqui eram as mulheres de países francófonos (Canadá, África, etc.). Afinal, o que me pareceu bastante diferente foi que houve uma mistura da nacional e do internacional, que não sei se satisfaz plenamente umas e outras; no plano internacional houve pessoas cuja possibilidade de interven-

ção foi extremamente limitada pela forma como foi organizado o encontro; ao nível nacional havia francesas vindas dos quatro pontos da França a quererem discutir os seus problemas específicos, e ali não havia lugar nem tempo para levar até ao fundo essas discussões. Pessoalmente o que eu senti... havia algumas mulheres que já conhecia de outros sectores (como a ministra da Saúde jugoslava ou a ministra canadiana) e que gostei realmente muito de voltar a ver; e conheci muita gente pela primeira vez, o que também foi muito bom. Notei, apesar da aparência burguesa e sofisticada que você mesma verificou, que houve um clima que eu tinha já encontrado nos Estados Unidos entre americanas, a chamada "sisterhood", (3) e que realmente me parece um fenómeno de classe média. Mas põe-se-me a questão de se isso é só um fenómeno de classe média burguesa ou se é também, ou poderá vir a ser, experimentado pelas mulheres operárias e camponesas com a mesma intensidade. Ali não há dúvida que... enfim se momentaneamente eu conseguisse pensar que no mundo não há 400 milhões de mulheres analfabetas, e se conseguisse abstrair-me do facto de que 60 por cento das trabalhadoras em Portugal foram atingidas pelo salário mínimo de 3300\$00... diria que houve um clima entre mulheres formidável.

Justamente a pergunta que eu gostaria de lhe pôr é se lhe parece que uma verdadeira libertação — ou promoção — da mulher se pode fazer sem passar por uma transformação social a todos os níveis.

A "revolução feminina", chamamos-lhe assim, vejo-a independente da revolução da

sociedade como um todo. Olhando para a história. E nisso, os países de Leste, aqui, foram muito comedidos na forma como se exprimiram porque não disseram que estava tudo perfeito em função do socialismo, embora a ministra da Saúde da Jugoslávia, que é uma pessoa extraordinária, tenha posto bastante o acento sobre a sociedade socialista; mas não houve muito da parte das mulheres dos governos desses países a preocupação de dizer que a sociedade socialista resolveu todos os problemas das mulheres, porque o facto é que não resolveu.

Não me referia ao modelo dos países de Leste...

... onde uma luta de classes tomou um aspecto institucional, pois. Mas a história prova que não há uma relação de causa e efeito entre uma transformação social e uma transformação do estatuto da mulher. Essa transformação não é um subproduto, embora muita gente o pense. Mas concordo consigo que a libertação das mulheres também não se pode fazer sem a transformação da sociedade. O que eu vejo são dois movimentos, com a sua dinâmica própria, que em certos momentos se confundem e depois divergem outra vez para virem a confundir-se, para virem a divergir, etc. Quer dizer: há uma dialéctica e é o que torna o problema extremamente interessante. Eu acho que em Portugal estamos a viver isso dum forma muito curiosa: ao nível do Governo há uma identidade enorme de objectivos e (claro, sem abstrair da minha realidade, personalidade, etc.) sinto que não há discriminação nenhuma de parte a parte, nem com sinal negativo nem com sinal positivo.



Giscard d'Estaing encomendou a François Giroud (à esquerda) as Jornadas Internacionais de Paris. A acção de François Giroud como secretária de Estado da Condição Feminina é difícil de definir: os seus poderes aparecem como extremamente limitados e o seu papel como difícil e ambíguo.

RESCALDO DAS JORNADAS DE PARIS



MARIA DE LURDES PINTASSILGO: "A HISTÓRIA PROVA QUE NÃO HÁ UMA REACÇÃO DE CAUSA E EFEITO ENTRE UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E UMA TRANSFORMAÇÃO DO ESTATUTO DA MULHER"

Portanto, ao nível dum poder novo é possível uma outra forma?

Nesta experiência concreta há momentos em que a minha percepção das coisas e a minha solidariedade se põem ao nível das mulheres todas, e isso conta de facto, torna-me solidária, em certo momento, dum sector da população que conta tudo, todas as classes sociais. O problema que se põe parece-me ser de como é que essas duas revoluções se podem reforçar mutuamente e não neutralizar-se, como é que uma acção de libertação das mulheres se pode afirmar e continuar a atingir cada vez mais mulheres, torná-las conscientes da sua diferença numa igualdade que tem de ser ainda conquistada e da sua identidade enquanto pessoas: serem elas próprias, não estarem sujeitas quer às convenções quer às figuras tradicionais do agregado familiar, não para uma luta mas para uma dupla responsabilidade, para o carácter múltiplo da responsabilidade; como é que isso pode acontecer sem entrar o que podemos chamar a luta de classes, na transformação das relações económicas e sociais.

Parece-me que se deve pôr a interrogação quando uma luta de classes se torna tão presente, tão omnipresente que tende a abarcar todos os problemas pensando que pode tudo resolver, quando de facto não pode.

Mesmo que historicamente não haja relação de causa e efeito, não se poderá dizer que certas revoluções sociais, como a chinesa, implicaram importantes mudanças de mentalidade em relação à posição da mulher na sociedade?

Pelo menos míticamente! O que eu sinto no nosso país, e é isso que me preocupa, é que em Portugal nunca houve grandes heresias, cor muito local em tudo! Não sei se é o nosso isolamento que faz que as coisas aconteçam sem penetrar realmente. Um exemplo que para mim foi sintomático ao nível sociológico: na Igreja católica, no princípio dos anos 60, houve o Concílio Vaticano II que trouxe imensas transformações. Em Portugal não houve qualquer problema, enquanto num país como a Holanda, no apogeu da sua revolução dentro da Igreja, havia todas as discussões, tomadas de posição, etc. A facilidade de osmose da sociedade portuguesa a um fenómeno de mutação é mesmo muito grande.

Nós temos a maior percentagem da Europa de padres que se retiraram para casar, enquanto na Holanda cada padre que pedia a redução ao estado laico para casar era assunto para todos os jornais, televisão, etc. — era um grande acontecimento; em Portugal quando a gente dá por isso... só em Lisboa estavam 150 nessa situação!

Não lhe parece que seja a falta de informa-

ção sistemática que tenha levado a esse estado de apatia?

Sim, mas talvez haja em nós um carácter mais... existencial! Quando a gente pensa uma coisa está logo dentro dela, não há elocubrações! Toda esta divagação para acentuar que não sei até que ponto certas transformações que se estão a operar ao nível da situação das mulheres (e em particular das mulheres quando elas se vêem em situação de alteridade em relação ao outro sexo e das relações que essa alteridade supõe) até que ponto estas transformações vão de par com uma verdadeira libertação das mulheres, ou se... não estarão a fazer as mesmas coisas só uma oitava acima. Na situação portuguesa, com a capacidade de osmose, de infiltração de ideias, sem que a pessoa pense muito no porquê das coisas, essa nossa forma existencial é um traço que eu tenho encontrado com muita frequência ao longo da minha vida com fenómenos muito diversos. Isso faz que neste momento me interroge em relação à situação das mulheres. Por isso, parece-me muito importante toda a acção promovida pelos movimentos que tendam a ser plataformas onde as mulheres tomem consciência da sua realidade enquanto mulheres. Neste momento parece-me fundamental. E estes dias tiveram impacto nesta renovada convicção — minha durante muito tempo mas à qual nestes meses de governo, polarizada em muitas coisas, não tenho dado a atenção desejada — da necessidade de trabalhar neste domínio. Temos uma pequena comissão de condição feminina no Ministério dos Assuntos Sociais (que por acidente depende de mim) mas que é também interministerial e portanto envolve vários ministérios.

Há algum projecto especial para o Ano Internacional da Mulher?

A dita comissão convocou para o Ano Internacional da Mulher os vários grupos que já se tinham manifestado, ou de que tinham aparecido notícias nos jornais por terem quaisquer actividades não governamentais nas Ivações Unidas, e isso tem feito que se reúnam à volta da mesma mesa mulheres com tendências muito diferentes, desde católicas tradicionais ao Movimento de Libertação das Mulheres, passando pelo Movimento Democrático, etc.. Uma plataforma que me parece muito importante.

E há alguma acção comum possível, ou limita-se a uma tomada de contacto?

Há também uma acção comum. Estas reuniões começaram em fins de Janeiro e houve vários pontos em que se pensou realizar uma acção comum e a que aderiram esses movimentos, e que estão basicamente ligados aos três temas do Ano Internacional: igualdade, desenvolvimento e paz. No caso do nosso país evidentemente a igualdade tem de passar pela igualdade do nível do direito, e portanto os aspectos legais foram os primeiros a ser abordados nesse confronto. Prioridade ao direito, mas por exemplo no aparelho sindical as mulheres estão muito pouco presentes e parece-me que é um problema universal.

No entanto fala-se dum certo número de experiências de autogestão em Portugal feita por mulheres...

Sim. O que é muito engraçado nesses casos é que não o fazem por convicção política à partida, política no sentido de regime.

Intuição? Essa hipótese de espontaneidade não será a grande "chance" de Portugal?

A espontaneidade, é, claro, importantíssima, mas há um problema muito grande aí: que é o movimento de libertação das mulheres? É que nesses casos elas estão a reagir como classe; é uma luta de classe, embora possam até não o exprimir como tal (apesar de que muitas estão já a tomar consciência disso, noção clara da exploração a que eram sujeitas, etc.); mas se simultaneamente não há consciência de que nós como mulheres também

somos capazes, vem um doutrinador qualquer de qualquer partido e são facilmente recuperadas e nessa altura caem numa nova dominação.

Como é que se passou o contacto com as mulheres africanas nestas Jornadas de Paris?

Pela minha parte, senti que houve uma relação excelente. Mas imagina que quando foi a intervenção da delegada da República Centro-Africana, (4) que disse, e muito bem, que num país enorme com uma população abaixo do que devia (que é também o problema do Senegal, ou da Argentina, praticamente de todos os países do hemisfério sul e virá a ser o de Angola) o problema da mulher se punha de maneira muito diferente, quase de sobrevivência, e que havia mesmo prémios para as mulheres que tivessem mais do que não sei

tzenberg na sua intervenção do último dia, a mulher tem, ou virá a ter, uma linguagem política diferente do homem.

Eu estou inteiramente de acordo com ele na tese de base, mas ele foi longe de mais e caiu na idealização. Como ele disse, é essencial que as mulheres nos governos passem do feminino singular ao feminino plural e só então se verá; mas estou convencida que uma diferenciação existe. O que não implica a necessidade, de todo, de anular ou escolher uma das formas, feminina ou masculina, de fazer política. Haverá duas. Simplesmente!

(1) Professor da Faculdade de Direito de Paris e articulista do "Le Monde".

(2) Em 53 milhões de franceses

(3) Irmandade

(4) Ministra dos Assuntos Sociais



Roger-Gerard Schwartzberg e Maria de Lurdes Pintasilgo: um ar fresco nas Jornadas. Um como o outro puseram o problema da sociedade em que vivemos em busca de outros modelos e a necessidade de opor aos valores gastos e contestados de competição, tensão e lucro, outros, mais humanos e mais vivos. EM BAIXO - Anémone Giscard d'Estaing.



quantos filhos, as francesas desataram a rir. Escandaloso! Perfeitamente herméticas, não entenderam nada!

Não lhe parece igualmente significativa a maneira como foram aplaudidos o sr. Chirac e o sr. Giscard d'Estaing?

Haver um acontecimento que reunia aqui um número de mulheres consideráveis, de França e de 53 países, mulheres de delegações estrangeiras com responsabilidades importantes de que tiveram de se libertar para vir - sobretudo de África e do Canadá - e ver que os jornais, na maior parte, e a televisão o que dão em primeiro plano é a presença e as palavras de Giscard d'Estaing!... ainda que a François Giroud aparecesse predominantemente em relação ao conjunto, enfim, era o membro do Governo que tinha tido a iniciativa no país onde o encontro se realizava, mas o Giscard! A maneira como a maior parte da imprensa e a televisão focalizaram tudo nessas duas figuras masculinas... isto são antes as antijornadas internacionais da mulher!

Actualmente em França é o presidente da República que trata de tudo o que diga respeito a libertações, até na condição feminina!

Para terminar, gostaria que me dissesse se acha que, como disse o Roger-Gerard Schwar-